

Verdade?



Cuidado, que o Zé Toicinho te pega

Só servia para as mães assustar os filhos?

As melecas do Faruk

Os perigos de um laboratório na praça

A hora do viajante

Hora certa? Que isso?

A charrete do Ticanha

O papo entre o velho e o moço

A mesa das famílias mais finas

Gato por lebre? Cão por cabrito?

A rumbeira e o Vardemá

O carregador de malas roubou a cena

Café Paulista, cuidado com a picada

O café mais importante que a Câmara Municipal



Cuidado, que o Zé Toicinho te pega!

Hélio Herrera Mandolini

A cidade inteira tinha medo do Zé Toicinho, mas seu reduto mesmo era no Formigueiro, o apelido que essa gente invejosa colocou na minha querida Vila Boa Esperança.

Os homens tinham medo do Zé Toicinho: era bom de briga, diziam até que tinha matado seu compadre, o Sansão, com uma facada na barriga, em uma briga de bar.

Mas na verdade ele andava atrás é das moças. Só que não dava certo: era baixinho e feio.

Então, diziam, mas não comprovavam, era à força mesmo. Preferia as que estavam sozinhas. Só incomodava algum homem se ele estivesse acompanhando a sua escolhida do dia. Espantava o rapaz, a seu modo, e cuidava do que queria fazer.

Seu nome era José Teixeira do Carmo. Trabalhava como saqueiro na Sanbra, no Dias Martins, no J. Alves Veríssimo. Também trabalhou nas olarias da Vila Odilon. O traje de trabalho dele era o mesmo dos que carregavam e descarregavam caminhões. Mas, fora do trabalho, estava sempre de terno branco impecável, sapato engraxado, chapéu.

Andava pela cidade toda, mas onde morava?





Não sei exatamente, mas acho que era em um cortiço, de casas de madeira, onde hoje é o Posto de Saúde Central (Postão).

Diziam também que era na Avenida Getúlio Vargas, próximo ao riacho que nasce no Monstrinho, onde hoje é o Fórum.

Foi casado, teve filhos.

Com certeza, existem parentes do Zé Toicinho ainda vivendo aqui na cidade, que podem confirmar ou desmentir toda essa fama.

Minhas únicas certezas são que o conheci pessoalmente e que o medo das pessoas era real, quando eu era criança, lá no Formigueiro.

Talvez ele tenha sido mesmo injustificado. Mas prestou um grande serviço para as mães, como substituto do bicho papão:

- Vem prá casa, menino, senão o Zé Toicinho te pega!





As melecas do Faruk

Carlos Ostronoff (Mocho)

O Faruk, que deve seu apelido ao Joaquim Bessa, era um eficiente e eficaz colaborador do doutor Monzilo em seu laboratório de análises clínicas. Tinha um defeitinho: era parado em música caribenha. Pérez Prado era seu ídolo.

Um belo dia, ou talvez não tão belo, alguém estacionou a viatura em frente da clínica, com o rádio a todo volume. Na verdade, há controvérsias sobre a origem do som. Um numeroso grupo de ourinhenses, acha que o som era proveniente da “maior potência amplificadora do hinterland paulista”.

O fato é que um mambo do Pérez Prado estava rolando a toda. Entusiasmado com o ritmo contagiante, o Faruk se pôs a bailar, chacoalhando o ombro e os braços. Perdeu o equilíbrio, e derrubou a prateleira onde repousavam as fezes...

A cidade precisou repor o material perdido...

Faruk era o apelido do Vicente Monteiro de Campos. Magro, era chamado de Múmia. Na época, os noticiários insistiam em mostrar o rei Faruk, do Egito. A ligação entre Múmia e Faruk era imediata. A “maior potência amplificadora” é como se autodenominava o Serviço de alto falantes da praça.





A hora do viajante

José Carlos Marão

Um viajante terminou sua janta no hotel Comercial e subiu até o jardim, para ver as meninas da praça, como faziam os viajantes malcomportados. Os bem-comportados iam prá zona.

Isso no jardim, antes da reforma do Paschoalick em 58. O “estúdio” do serviço de alto falantes (“a maior potência do hinterland”) ficava no subsolo do coreto.

Estava lá o viajante ouvindo seus boleros quando o locutor deu a hora certa. Acertou o relógio. Mais uns dois tangos e veio a hora certa de novo. Ele teve que acertar o relógio de novo. Logo depois de “História de um Amor” veio a hora certa, não batia com o dele e foi tirar satisfação.

O locutor também era o técnico de som, o gerente e o faxineiro. O viajante reclamou: será que ia ter de comprar um relógio novo?

O locutor respondeu com clareza, para acalmar o ilustre visitante:

- Olha, a gente não tem relógio. Então fala a hora mais ou menos. Não precisa comprar novo não.





A charrete do Ticanha

Diógenes Ferreira

Meu pai, Otávio Ferreira, um dos moradores mais antigos de Ourinhos, era famoso por gostar de pescaria, por gostar de contar histórias e por conviver com os mais jovens.

Uma vez, ele estava conversando com o Ticanha, que era só um pouco mais velho que eu. Era filho do Tico Migliari, que tinha o posto de gasolina com pouso para caminhoneiros lá fora da cidade, onde a estrada bifurcava, uma via para o Paraná, em direção ao Panema, outra via para Assis.

Passou uma charrete levando na boleia uma daquelas dedicadas trabalhadoras que exerciam sua profissão lá no fim da Gaspar Ricardo:

- Olha lá, seu Otávio, minha namorada.

Primeiro precisa contar para essa moçada de hoje que lá no fim da região que hoje chamam de Barra Funda, quase fora da cidade, havia uma concentração de casas especializadas em atender senhores solitários. Ali, esforçadas senhoras ganhavam a vida.

As charretes eram comuns.

Havia muitas no ponto da Estação. Um transporte mais barato para distâncias maiores.





E quando você via uma charrete na rua, havia grandes chances de estar trazendo uma daquelas moças para compras, para ir ao médico ou ao dentista.

E foi aí que meu pai respondeu:

- Você não podia arranjar uma namorada mais bonita? Já que está pagando.

- *Ah, seu Otávio, não é bonita, mas precisa ver a bunda lisinha que ela tem!*

- Mas você é muito sem vergonha, hein rapaz!





A mesa das famílias mais finas

José Carlos Marão

Contava-se, entre os malfalantes daquele nosso amado burgo, ali pelos anos 40, que seu Laurindo criava e vendia cabritos. Ficou conhecido e procurado.

E a carne de cabrito passou a frequentar, regularmente, as mesas das melhores famílias.

Até que uma senhora notou que os cachorros que vagueavam pela poeira das ruas estavam sumindo.





A rumbeira e o Vardemá

Carlos Ostronoff (Mocho)

O Cine Ourinhos era sempre requisitado como sala de espetáculos por artistas que vagavam pelo “hinterland paulista”, para amealhar um cascalho.

Certa vez foi palco para a apresentação de uma rumbeira vinda de terras desconhecidas. A expectativa entre a molecada era grande, na esperança de observar as coxas da artista. Ela iniciou o show, sacudindo os ombros e as mangas bufantes, cantando “mala, mala, mala, siempre fuistes mala...”.

De repente, rompe-se a cortina que separava o palco e aparece ninguém menos que o Vardemá Malero caminhando de maneira mansa e concentrada.

O show teve que ser suspenso, devido às incontroláveis gargalhadas do distinto público.

Vardemá Malero era figura popular em Ourinhos. A cidade, como entroncamento ferroviário, tinha muitas pensões, para atender viajantes em trânsito. Cada pensão tinha o seu maleiro, que ficava na porta da estação disputando os potenciais hóspedes. Eram profissionais registrados na Prefeitura, usavam um boné, onde aparecia seu número de identificação. Tinham que se vestir conforme um código e usar paletó. Vardemá, fora dos horários dos trens, circulava sempre elegantíssimo pelos eventos da cidade.





Café Paulista, cuidado com a picada

Álvaro Fernando Saraiva

De repente, toda a iluminação ali no jardim e em volta foi desligada. Gritos por todos os lados no Café Paulista:

- É o prefeito, não pode ver gente conversando!
- Essa turma contra o prefeito é capaz de tudo!
- Tem que trocar essa companhia de luz.

O Café Paulista fervia de agitação no ano inteiro. Tinha gente da oposição e da situação, tinha torcedor do Operário e do Ourinhense, tinha quem só queria falar mal dos outros, fosse verdade ou mentira. Não é à toa que era chamado de Butantã, ou de ofidiário, ou de ninho de cobras.

Em tempo de eleição, ficava mais quente ainda. E um apagão daqueles, no meio de grandes discussões, só podia ser coisa “do outro lado”, fosse qual fosse.

Ninguém desconfiava que o causador estava ali sentado, saboreando “um pastéis” regado a caçulinha da Antártica, servido pela Julia Budai.





Naquele dia, um grupo, querendo discutir um assunto mais reservadamente, atravessou a rua e continuou a conversa na calçada da praça. Estavam perto de um “postinho de luz”. Mas o filho do Tonico Saraiva estava com vontade de fazer xixi. O pai, para não perder a conversa, autorizou a fazer ali no canteiro mesmo. O molequinho não teve dúvida: mirou bem no pé do postinho, justo nos fios sem proteção.

Umas poucas faíscas e apagão geral.

A turma que sabia disso atravessou a rua de volta e fez o que deveria fazer: colocar mais lenha na fogueira das discussões para rir depois.

